



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU
HISTÓRIA ECONÔMICA

EVOLUÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL I
[24 h/aula]
Profa. Dra. Mariângela Alice Pieruccini Souza

Toledo
Junho/julho
2008

Evolução da Economia Mundial I

EVOLUÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL I

Ementa:

O feudalismo e a formação do capitalismo; O capitalismo concorrencial e monopolista na economia mundial; o imperialismo e colonialismo; a grande depressão de 1929 e a economia de guerra.

Objetivos:

Compreender a formação do modo de produção capitalista em sua gênese, caracterizando as etapas pelas quais passou o modo de produção capitalista a partir do contexto do capitalismo comercial. O curso pretende ainda apresentar os principais aspectos relativos à Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo industrial.

INTRODUÇÃO

A formação de um modo de produção não é algo estanque, isolada de outros contextos produtivos. Existem períodos de transição em que o novo coexiste com o velho. Tal referência pode ser considerada primordial na dinâmica capitalista. Traços de uma nova forma de produção são identificados numa velha ordem que lentamente perde sua hegemonia como modo de produção dominante.

Na formação da sociedade econômica os objetivos relacionam-se à sustentabilidade e ao crescimento produtivo. Isso não quer dizer que tais objetivos sejam construídos de forma harmoniosa, ao contrário, inúmeras tensões surgem nas relações de classe e no conjunto da produção, distribuição e consumo.

Desse modo, o curso “Evolução da Economia Mundial I” propõe uma reflexão sobre importantes estágios pelos quais passou o modo de produção capitalista, contribuindo para que as novas orientações produtivas possam ser compreendidas como parte de uma trajetória histórica.¹

A proposição analítica deste material contempla eventos significativos para a história do capitalismo. A primeira parte refere-se ao declínio do feudalismo, analisando características que possibilitaram as condições de surgimento de uma nova classe social, os burgueses.

¹ A referência analítica utilizada neste material didático pauta-se na leitura do texto “Evolução do Capitalismo” – Maurice Dobb. As demais referências serão discutidas como subsídio a esta análise.

Na seqüência, procura-se compreender os começos desta burguesia ainda no contexto de uma acumulação prévia, primitiva.

A terceira parte do curso contempla o surgimento do capital industrial. Não se trata, neste momento de contemplar aspectos relativos à Revolução Industrial, mas sim compreender as bases anteriores que permitiram uma diferenciação na acumulação de capital das diferentes estruturas da burguesia.

A quarta parte, intitulada *O capitalismo no contexto mercantil – fontes de acumulação* apresenta as condições do sistema produtivo capitalista num ambiente de profunda expansão dos mercados e de intensa monetarização das economias européias, apresentando também as dificuldades para que as esferas industriais pudessem ser viabilizadas num ambiente produtivo restrito e com domínios de uma alta burguesia conservadora e tradicional.

A última parte dos conteúdos elencados neste curso, procura apresentar e discutir a Revolução Industrial e o conjunto de transformações sócio-produtivas presentes no ambiente capitalista do século XIX, discutindo ainda as crises relativas à queda na taxa de lucro e a formação do Imperialismo. A dinâmica cíclica do capital permite compreender os mecanismos que produziram as grandes crises econômicas, culminando no evento denominado Grande Depressão, no início do Século XX.

As considerações finais conduzem a vários questionamentos que permitem pensar no capitalismo ao longo do século XX e os novos desafios da sociedade diante das crises sócio-ambientais.

1) NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O FEUDALISMO:

Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição.

Dobb (1987, p.21): “Na realidade, os sistemas jamais se encontram em sua forma pura e em qualquer período da história, elementos característicos tanto de períodos anteriores quanto posteriores podem ser achados às vezes misturados numa complexidade extraordinária.”

Numa era de transição o velho e o novo freqüentemente se misturam”

Elementos importantes de cada nova sociedade, embora não forçosamente o embrião completo da mesma, acham-se na matriz anterior, e as relíquias de uma sociedade antiga sobrevivem por muito tempo na nova.

Assim, no período de transição de um novo regime social para outro, encontram-se características do velho regime, ao mesmo tempo em que traços do regime novo aparecem em determinados níveis da realidade social. (PARA PENSAR CIÊNCIA)



{ Conjunto de fatores preparou a desagregação do sistema feudal e forneceu as condições para o surgimento do sistema capitalista
 Não foi um processo único, homogêneo, coexistiram características de ambos nos mesmos lugares.

A sociedade feudal:

Unidades estanques, os feudos:

Características:

- > auto-suficientes
- > economias voltadas para subsistência
- > reinos fragmentados (reis nominalmente donos das terras) poderes limitados.

Relações sociais fundamentais:

- a) as relações de vassalagem (modo de apropriação da terra)
- b) as relações servis (o trabalhador possuía instrumentos próprios de produção e dele o senhor extraía um excedente de trabalho).

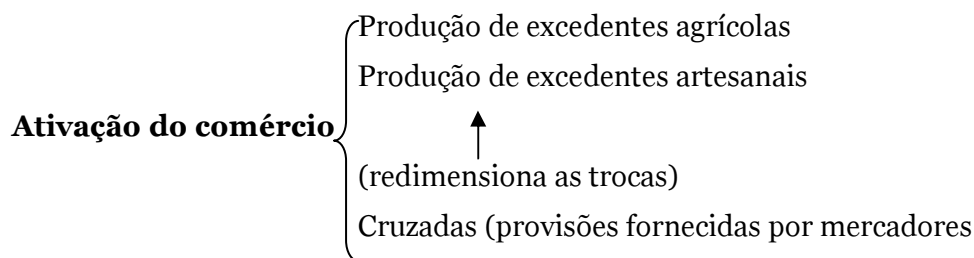
Base Econômica:

“Particularmente na primeira metade da Idade Média em que se media a riqueza de uma pessoa pela quantidade de terras que possuísse, a importância da cidade era muito pequena.”

Monetização:

Incipiente. As trocas praticamente inexistiam e quando ocorriam eram principalmente efetuadas dentro dos feudos, entre produtos e sem envolver dinheiro.

II METADE DA IDADE MÉDIA



Conseqüência:

CRESCIMENTO DO COMÉRCIO → CRESCIMENTO DAS CIDADES
(estas surgem em locais estratégicos)

Que lógica havia?

“As cidades encontravam-se em terras pertencentes aos senhores feudais, que cobravam impostos e taxas de seus habitantes.” Ainda: “os senhores feudais eram dirigentes dos tribunais de justiça” Portanto, a resolução dos problemas surgidos nas cidades, advindo das atividades comerciais eram resolvidos pelos senhores feudais, muitas vezes com grande desconhecimento das questões comerciais.

“Por essa razão, dentre outras, as cidades rebelaram-se e muitas delas obtiveram a liberdade por meio de luta, compra ou doação.”

Sinalizava-se assim um período de intensos conflitos:

“Expansão do comércio > cidades livres > abrigo aos servos fugitivos dos domínios senhoriais”

As OFICINAS eram confiadas aos servos nos feudos e foram substituídas por OFICINAS URBANAS. Nesse período os mercados eram locais e os produtores independentes; organizavam-se em CORPORAÇÕES DE OFÍCIO.

Na cidade: artesanato e comércio

No campo: alimentos para os habitantes da cidade

(necessidade para fazer frente ao aumento demográfico)

assim: “abertura de novas terras ao cultivo. “essas terras atraíam muitos camponeses que se libertaram dos feudos e passaram a cultivá-los em troca de pagamento aos senhores feudais pelo seu arrendamento – muitas terras incultas foram assim transformadas.

Outro fator relevante:

LIBERDADE CAMPONESA - o trabalho livre era mais produtivo para os senhores do que o trabalho servil.

2. O DECLÍNIO DO FEUDALISMO E O CRESCIMENTO DAS CIDADES

“...um vínculo contratual, mas indissolúvel entre serviço e cessão de terras, entre obrigação pessoal e direito real”. Struve apud Dobb...

A questão conceitual:

“relação jurídica entre vassalos e suserano”

“relação entre produção e destinação do produto”

“relação entre produtor direto (artesão em alguma oficina ou camponês cultivador da terra) e seu superior imediato, ou senhor, no teor socioeconômico da obrigação que os liga entre si.”(DOBB, p.43).

Isto implica em “uma obrigação imposta ao produtor pela força e independentemente de sua vontade para satisfazer certas exigências econômicas de um senhor, quer tais exigências tomem a forma de serviços a prestar ou de taxas a pagar em dinheiro ou espécie – de trabalho [...] ou ‘presentes para a despensa do senhor’. Essa força coercitiva pode ser a militar, possuída pelo senhor feudal, a do costume apoiado por algum tipo de procedimento jurídico ou a força da lei.”

Diferentemente da escravidão, onde o escravo trabalha com condições de trabalho pertencente a outrem, a servidão toma como característica o fato de que o produtor direto acha-se na posse de seus meios de produção, das condições materiais de trabalho necessárias à realização de seu trabalho e à produção de seus meios de subsistência. Ele empreende sua agricultura e as indústrias caseiras rurais a ela ligadas como um produtor independente.

Relação de propriedade: relação direta entre senhores e servos.

Ausência de liberdade que pode variar desde a servidão com o trabalho forçado até o ponto de uma simples relação tributária.

Ano de 1100 – ressurgimento do comércio na Europa Ocidental...

A figura do comerciante/mercador e uma crescente circulação de dinheiro através da troca, penetrando a auto-suficiência da economia senhorial.

Tendência a comercializar o excedente no mercado... Assim, a renda em dinheiro, bem como o serviço dos servos, passaram a ser uma ambição dos senhores, desenvolvendo-se um mercado de empréstimos e outro de terras.

2.1 Alguns apontamentos importantes para a reflexão sobre os começos da Burguesia

- a questão da luta política dos burgueses contra a autoridade feudal (meados do Século XII). Muitas famílias feudais minavam as estruturas internas da recém-nascente sociedade burguesa. Burgueses maiores e Burgueses menores. “O status de vilão freqüentemente constituía motivo para proibir a entrada na Guilda, e, ao mesmo tempo, em muitas cidades inglesas, os membros da guilda retinham grande parte de seu status agrícola e o direito burguês, isto é, a cidadania, estava ligado à posse de um lote, ou de uma casa dentro dos limites urbanos. Nesses casos, o comércio provavelmente não era mais que uma fonte incidental de renda.”(DOBB, p.93).
- A questão dos jornaleiros e mestres e a questão ascencional. Aspecto importante era a menor diferenciação e as facilidades para a aquisição da renda.
- Processos de acumulação de capital: Séculos XIII e XIV. Via:
 - a) venda e especulação sobre a terra – para os primeiros proprietários de terra urbana;
 - b) pequeno modo de produção – sistema em que a produção era executada por pequenos produtores, donos de seus próprios meios/instrumentos de produção, que comerciavam livremente seus produtos. Produtos artesanais vendidos a varejo no mercado da cidade contra os produtos ofertados pelos camponeses. A produtividade do trabalho e a unidade de produção eram pequenas demais...
 - c) O comércio via mercadores que assumia as proporções mais adequadas para a acumulação de capital... “CLASSE PRIVILEGIADA DE BURGUESES QUE, SEPARANDO-SE DA PRODUÇÃO COMEÇARAM A EMPENHAR-SE EXCLUSIVAMENTE NO COMÉRCIO ATACADISTA.”
- Por que é necessária esta distinção?

Segundo Dobb, por que se houvesse uma dependência estrita do pequeno modo de produção para que surgisse um vultuoso processo de acumulação de capital, o processo seria mais lento...

PORTANTO, A FONTE DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL TEM DE SER BUSCADA FORA DESTE PEQUENO MEIO DE PRODUÇÃO.

Considerando a questão do comércio atacadista, o autor questiona: *Qual a fonte final, tão distinta da imediata, dessa nova riqueza burguesa... (exploração de um proletariado dependente – em seu trabalho excedente além do necessário para proporcionar o equivalente real de seus próprios salários – excedente enormemente acrescido por*

causa da produtividade de trabalho aumentada tornada possível pela técnica moderna.)

Mas é importante perceber que o processo de enriquecimento foi anterior a esta exploração via produtividade do trabalho... Desta forma, o questionamento que surge é: POR QUAL MECANISMO ESSE CAPITAL MERCANTIL INICIAL ATRAIU A PARCELA DO CULTIVADOR CAMPONÊS OU DO ARTESÃO URBANO, PARCELA BASTANTE SUBSTANCIAL PARA FORMAR A BASE DAQUELAS PRIMEIRAS FORTUNAS BURGUESAS, DA MAGNIFICÊNCIA BURGUESA DAS CIDADES CONTINENTAIS DO SÉCULO XIV, de casas bancárias como as lombardas e florentinas?

- A) Lucros comerciais.
- B) Valores da Terra urbana.
- C) Usura contra os pequenos produtores, contra a sociedade feudal decadente, contra cavaleiros e barões feudais empobrecidos, e necessidades menos saciáveis da Coroa.

Assim: “o comércio, pela ampliação dos mercados e tornando os suprimentos em maior variedade disponíveis em lugares ou estações do ano onde jamais o tinham sido, servia para elevar o padrão de vida do produtor extraíndo assim seus ganhos como uma parcela desse aumento geral e não como invasão de um padrão imutável de consumo... (p.95)

Foi esta ampliação dos mercados a principal condição para a maior divisão social do trabalho, e com isso uma produtividade de trabalho grandemente aumentada...

A CLASSE DE MERCADORES, ASSIM QUE ASSUMIU QUALQUER FORMA DE CORPORACÃO, ADQUIRIU PRONTAMENTE PODERES DE MONOPÓLIO QUE PROTEGIAM SUAS FILEIRAS DA CONCORRÊNCIA E SERVIAM PARA TRANSFORMAR AS RELAÇÕES DE TROCA EM SUA PRÓPRIA VANTAGEM, EM SEUS NEGÓCIOS COM PRODUTOR E CONSUMIDOR.

“Comprar barato e vender caro é a regra do comércio que não se supõe ser uma troca de equivalentes. Proporção de troca citada pelo autor como “bem arbitrária”.

“ERA ATRAVÉS DA COEXISTÊNCIA DA SUPERABUNDÂNCIA E DA FOME LOCAIS QUE O CAPITAL MERCANTIL PROSPERAVA.” Ou seja: havia uma grande incapacidade dos produtores para efetuar uma troca de seus produtos em escala mais do que regional. Neste sentido, os recursos necessários ao produtor eram tão escassos, e sua escassez estreitava

tanto seu horizonte no espaço e tempo que gerou uma fonte de lucro comercial, via repasses bastante interessante. (em virtude da separação entre a matéria-prima e o artesão)

Uma citação importante do autor a esse respeito: “NÃO SÓ O MONOPÓLIO FAZIA PARTE DA ESSÊNCIA DA VIDA ECONÔMICA DA ÉPOCA, COMO TAMBÉM, EMBORA A INFLUÊNCIA DO COMÉRCIO COMO DISSOLVENTE DAS RELAÇÕES FEUDAIS FOSSE CONSIDERÁVEL, O CAPITAL MERCANTIL COMEÇOU, NÃO OBSTANTE, A SER EM GRANDE PARTE UM PARASITA DA ANTIGA ORDEM, E SEU PAPEL, CONSCIENTE, QUANDO ULTRAPASSOU SUA ADOLESCÊNCIA, MOSTROU-SE CONSERVADOR E NÃO REVOLUCIONÁRIO.”

Os controles iniciais das Guildas Mercantis.

Politicamente para beneficiar a cidade como um corpo coletivo em suas transações para com o campo e, por outro, com os mercadores estrangeiros.

Aspectos de controle sobre o próprio mercado:

- a) taxas de mercado e portagem;

Como ocorria esta regulamentação e o que objetivava?

As cidades possuíam considerável poder de influenciar as relações de troca em seu próprio benefício.

Como?

- a) regulamentação sobre o direito de comerciar “quem podia e quando o devia fazer”;
- b) limites nas transações,
- c) imposição e regulamentação dos preços dos produtos – preços mínimos para os residentes urbanos venderem suas mercadorias e preços máximos para os produtos que desejassem comprar e que não fossem disponíveis.
- d) Limitação para as fontes de compra e venda para o campo circundante (mercadores estrangeiros)

Desta forma, fica evidente que as guildas mercantis visavam a restrição extrema da concorrência em quaisquer aspectos. Os exemplos citados pelo autor, principalmente em relação a Inglaterra são inúmeros e ilustram esta questão... A evolução destas restrições chegou a proporcionar a força do que se chama de “monopólio urbano” ou “colonialismo urbano” em relação ao campo. Pressão sobre as aldeias para que negociassem apenas com a cidade em questão.

“quando atingem estágios elevados de crescimento, os esforços comuns dos mercadores é burlar as regulamentações, ou “tendiam a dirigir-se para o enfraquecimento do regime de monopólio urbano, que nutria sua infância, no interesse de fortalecer o monopólio de sua própria organização interurbana.”

Surge o patriciado. Ou seja, controle político situado nas mãos dos burgueses mais ricos, “O poder passou insensivelmente para as mãos dos mais ricos. A forma de governo nesses centros de comércio e manufatura inevitavelmente se modificou, primeiramente de democracia, para plutocracia, e depois para oligarquia. Assim, as cidades italianas e as hansas constituem-se em exemplos interessantes desta dinâmica que procura associar-se à nobreza local.

Concentração de poder políticos nas mãos de uma oligarquia burguesa. Mecanismos de subordinação dos artesãos bastante hábeis no sentido de submeter as guildas artesanais menores aos domínios e exigências das guildas mercantis mais fortalecidas.

Conexões entre mudança política e a política econômica da nova classe dominante: Poder monopolizado por um grupo de interesses comerciais, com exclusão dos demais, conjugando esforços para a usurpação do poder. Neste sentido, Dobb explica que tal concentração de poder nas cidades representou o domínio do capital mercantil e que um dos seus principais efeitos foi restringir os artesanatos ao comércio varejista no mercado local, e onde este não constituía a principal saída de seus produtos, subordinar os artesãos a uma corporação fechada de mercadores, com quem, e em cujos termos, os produtores não tinham outra opção senão negociar... PRÁTICA DE OLIGOPSÔNIO.

A importância do comércio exterior... e o fortalecimento das Companhias de comércio. A controvérsia entre os negociantes de lã inglesa...

Os conflitos entre a guilda artesanal e a oligarquia mercantil. “Em geral era de interesse da oligarquia mercantil que se multiplicasse a competição entre os artesãos desejosos de vender a preços mais baixos como sucedia no caso dos mestres das águas-furtadas e dos subúrbios. “liberdade se tornou praticamente hereditária devido à dificuldade de satisfazer as condições de admissão.

Surgimento de uma classe de servos assalariados. Isto em função de restrições e imposições para a ascensão social. Tanto a guilda como as regulações eram responsáveis pelos controles e subordinações.

A figura abaixo ilustra as principais rotas comerciais divididas entre a Liga Hanseática e os Mercadores italianos.

de **vassalos** que lhe deviam obediência).

A resposta do povo foi a rebelião. Uma outra camada expressiva da sociedade não aceitou a situação: a burguesia mercantil (mercadores), classe social que surgiu na época como fruto da crise generalizada e do aparecimento das cidades. Ela reagiu fortalecendo o poder dos reis, não dos senhores de terras, e incentivando a expansão marítima, com especial interesse nos metais nobres e nos artigos de comércio do Oriente, chamado de Índias.

Entre 1383 e 1385, a burguesia mercantil e a população, juntas, geraram um movimento que mudou as regras da sucessão ao trono de Portugal, coroando D. João, o mestre de Avis. Ele e seus sucessores, a dinastia de Avis, foram os impulsionadores dos descobrimentos.



O comércio fez surgir uma classe de mercadores, a burguesia mercantil, muito influente na formação de Estados europeus.

As principais mercadorias

O comércio fora dos feudos era feito, basicamente, com produtos transportados por mar. Por volta de 1230 os barcos dos congregados na **Liga Hanseática** chegavam a transportar até 100 toneladas. Os mercadores comerciavam pescado, madeira, cereais, peles e mel das regiões eslavas. Os irmãos venezianos Niccolò e Matteo Polo, em 1254, levaram para Constantinopla, pela "rota da seda", as riquezas que os árabes mostravam ao Ocidente: ouro, seda, açúcar e pimenta, entre outras. Assim, inaugurou-se o comércio direto entre o Extremo Oriente e o Mediterrâneo. Em 1271 foi a vez de Marco Polo ir à Ásia. Até o começo do século XV, portugueses e castelhanos (futuros espanhóis) faziam comércio de **cabotagem** pela costa atlântica, o que foi muito útil quando se lançaram ao Atlântico.

As rotas medievais

Os mais variados artigos eram transportados pelos principais portos mercantis da Idade Média.



3. O SURGIMENTO DO CAPITAL INDUSTRIAL

Entre os séculos XV e XVIII, estruturou-se uma nova ordem socioeconômica que algumas literaturas denominam de capitalismo comercial. Para DOBB (1983) a argumentação favorável é uma reflexão sobre os diferentes processos ocorridos neste período, sendo que, entre os séculos XV e XVI, o termo pré-capitalista é mais adequado na medida em que se estabelece a construção de um processo de acumulação primitiva.

Neste período, a nobreza, cuja posição social era ainda garantida pelas propriedades rurais, mesmo enfrentando dificuldades financeiras, procurava, ansiosamente, meios para se impor segundo os novos padrões econômicos.

Da mesma forma, a burguesia, em seu começo, mesmo prosperando nos negócios, estava longe de ser a classe social dominante, com prestígio junto à aristocracia. Como desejasse exercer a supremacia de que se julgava merecedora por seu poder econômico, frequentemente incorreu no paradoxo de assumir valores decadentes como a compra de títulos de nobreza.

Apenas no final da Idade Moderna, a classe burguesa reuniu meios para edificar uma nova ordem social, política e econômica à própria imagem. Considerando este período pré-capitalista como um período de transição, a Idade Moderna reforçou, portanto, a importância do comércio e da capitalização, que constituiriam a base sobre a qual se desenvolveria o sistema capitalista. Deste modo, é importante a menção do conceito de acumulação primitiva, descrito por MARX (1971):

A primeira etapa da acumulação capitalista é comumente chamada de acumulação primitiva. Realizada inicialmente por meio da transformação das relações de produção e surgimento do trabalho assalariado e concentração dos meios de produção – nas mãos de poucos, seguidos da expansão capitalista –, “a acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista.

[..] Marcam época, na história da acumulação primitiva, todas as transformações que servem de alavanca à classe capitalista em formação sobretudo aqueles deslocamentos de grandes massas humanas, súbita e violentamente privadas de seus meios de subsistência e lançada no mercado de trabalho como levas de proletários destituídos de direitos. A expropriação do produtor rural, do camponês que fica assim privado de suas terras, constitui a base de todo o processo.” (MARX, K. O capital, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, V.2, p.830-1, apud VICENTINO C. Scipione, 1997).

Surgem alguns questionamentos relativos ao capitalismo industrial...

Quem era o Mercador?

“o homem que removia os artigos produzidos pelas guildas ou pelos camponeses para ganhar com as diferenças de preço entre as diversas zonas produtoras.”

Mais tarde ... Século XVI

Somatório entre o capital mercantil e o modo de produção...

Para que?

Para que este capital mercantil pudesse explorar mais eficientemente – absorvendo o trabalho excedente com base no antigo modo de produção – e ampliar o lucro.

Para isto dois caminhos eram possíveis:

1º) Parte dos próprios produtores acumulou capital, comercializou e organizou a produção em bases capitalistas livres das restrições das guildas.

2º) Parte do capital mercantil existente começou a tomar posse diretamente da produção.

Exemplo: Transição existente na Inglaterra do século XVI

Século XVII – sinais clássicos da revolução burguesa.

A idéia: DOMÍNIO CRESCENTE DO CAPITAL SOBRE A PRODUÇÃO.

“crescente domínio de um elemento puramente mercantil sobre a massa de artesãos/ subordinação dos artesãos aos mercantilistas.

Neste sentido há que se destacar a importância do campo como elemento de ruptura às guildas.

Exemplos deste capital:

Cobre, bronze, material bélico, papel, fabricação de pólvora, sabão, alume, mineração e fundição.

Isto significava uma NECESSIDADE MAIOR DE CAPITAL DO QUE O COMUM ARTESÃO PODIA DISPOR.

Consequentemente:

“As empresas eram fundadas por homens e iniciativas que se associavam ou uniam ações começando a empregar trabalho em escala considerável.

A AGRICULTURA NO SÉCULO XVII:

Transformações e por parte dos mercadores das cidades, especulação e renda dos aluguéis dos arrendamentos. Vale acrescentar também

Enclauses acts – Lei dos Cercamentos (cercamento de terras e reunião em grandes propriedades para produção da lã e comércio respectivo)

É o momento onde cessa a Vilania e começa a Lei dos Pobres (formação do proletariado)

Além desta questão: presença do yeomen – classe livre de agricultores/média condição entre cavalheiro e aldeão camponês.

Presença do usurário – aumentando suas posses até conseguirem grandes terras. Amparavam-se no trabalho assalariado (recrutamento de gente dos cercamentos)

A idéia que se firma lentamente:

Para diferentes classes:

- 1) ganhos com seu capital e não com seus esforços
- 2) ênfase nos ganhos obtidos pela redução dos custos de produção e não ganhos puramente especulativos (controle sobre a produção)

Os ganhos: inflacionários (rápidas mudanças nos preços do Século XVI

Usura...

Existia, portanto: GRAU DE CONTROLE DO MERCADOR-COMPRADOR SOBRE O PRODUTOR.

Uma mudança qualitativa real:

“Quando esse controle atingiu certo ponto, começou a modificar o caráter próprio da produção: o mercador fabricante não se beneficiava simplesmente com o modo de produção existente e aumentava a pressão econômica sobre os produtores mas mudando o modo de produção, aumentava a sua produtividade.” (DOBB, 1983, p.93)

Qual era o Principal papel do Mercador Fabricante?

Romper com os limites impostos pelo monopólio urbano.

As novas formações:

“Subservientes ao elemento capitalista que havia em seu meio – ou seja – massa de artesão que se subordinava como uma classe semi-proletária.

Para todas as companhias havia a necessidade da independência. Ao mesmo tempo, os menores, com falta de capital, alijam-se do processo!

Nestas inúmeras companhias algumas formas de trabalho:

- 1) trabalhos a domicílio – Sistema Verlog
- 2) trabalhadores nas fábricas diretamente com salários (mesmo que exemplo raro)

Os instrumentos de produção ainda eram pouco complexos – o trabalho ainda era altamente individualizado e não havia diferença entre o que chamamos de produção fabril e produção doméstica.

Outro aspecto que chama a atenção é a pouca oportunidade para subdivisão do processo produtivo ou para o trabalho de equipe coordenado como resultado da concentração.

Era, naquele tempo, século XVI, vantajosa a distribuição do trabalho nas casas dos artesãos pois poupava custos de manutenção da fábrica/supervisão da produção.

Aos poucos... 1649 (século XVII) as atividades produtivas já iniciavam um caráter industrial/executadas em bases fabris. (TRABALHADORES REUNIDOS EM NÚMEROS COMPARATIVAMENTE GRANDES/CONTROLADOS POR GERENTES NOMEADOS POR SEUS ACIONISTAS OU ADMINISTRADORES)

Mesmo assim, a importância deste sistema ainda não era maior do que o sistema de trabalho a domicílio.

É O INÍCIO DAS MANUFATURAS! Principalmente têxteis... [muito embora fossem bastante parecidas com as guildas artesanais].

O que é importante ressaltar?

- a) subordinação da produção ao capital;
- b) aparecimento de uma relação entre classes: capitalistas X produtor;
- c) antigo modo de produção frente ao novo modo;
- d) alterações técnicas significativas = REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

estes aspectos, combinados geram:

AMADURECIMENTO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E GRANDE AUMENTO DO PODER PRODUTIVO DO TRABALHO QUE LHE É ASSOCIADO...

A indústria antiga acabou sendo convertida em um “departamento” externo da fábrica, da manufatura ou do armazém...

Já havia um esboço de encadeamento entre estágios de produção e aos poucos, verifica-se o surgimento dos Bairros Operários. (casas e trabalhadores reunidos num lugar/teares instalados em uma única oficina)

As mudanças:

- 1) não há apenas o parasitismo do capital hegemônico sobre a indústria;
- 2) formam-se estágios sucessivos de produção organizados como uma unidade
p. ex. Fiação > Tecelagem > Pesagem > Tinturaria

- 3) O processamento é mais equilibrado porque é mais integrado e ocorre supervisão mais rigorosa do trabalho em andamento.

A Divisão Social do Trabalho (particularmente característica) deste período preparou o terreno do qual a invenção mecânica poderia mais tarde surgir. Para Marx:

A divisão do trabalho gera uma diferenciação dos instrumentos de trabalho – uma diferenciação pela qual os implementos de dado tipo adquirem formas finas, adaptadas a cada situação particular, [...] simplifica, melhora e multiplica os implementos do trabalho, adaptando-o às funções exclusivamente especiais de cada trabalhador especializado. Cria assim, ao mesmo tempo, uma das condições materiais para a existência da maquinaria, que consiste em uma combinação de instrumentos simples...

Exemplo: Teares das malharias e as dificuldades de acesso deste aos artesãos mais pobres. Máquina de tecer 1.000 a 1.500 pontos/min. X mão da artesão 100 pontos/min.

Até 1657 na Inglaterra não era comum a adoção de instrumentos mecânicos para as manufaturas.

Inicia assim o negócio de aluguel de máquinas... (aluguéis exorbitantes dos aparelhos) Trabalhadores que possuísem instrumentos eram boicotados e privados de trabalho até que alugassem aparelhos de um dos membros da Companhia *Framework Knitters*.

Outro negócio considerável neste período refere-se ao “domínio das matérias-primas”. Havia uma tendência natural para que os artesãos pobres em sua relação com o mercador comprador estivesse em vias de proletarização.

E o antigo localismo urbano deu lugar à influência de uma organização de classe que exercia um monopólio de comércio atacadista.

A QUESTÃO COMERCIAL E AS ROTAS...

Domínios dos patrícios burgueses favorecendo um crescimento parcial da produção capitalista.

QUAL É A CONDIÇÃO, PORTANTO, PARA O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO CAPITALISTA?

- a) Derrubada do Localismo Urbano;
- b) Enfraquecimento dos monopólios das guildas artesanais;

- c) Necessidade de que o próprio capital industrial nascente se emancipe dos monopólios restritivos na esfera do comércio em que o capital mercantil já se acha entrincheirado;
- d) Necessidade de fortalecimento dos capitais na agricultura.

4. O CAPITALISMO NO CONTEXTO MERCANTIL – FONTES DE ACUMULAÇÃO

DOBB (1983) elabora alguns questionamentos voltados principalmente ao “sentido da acumulação primitiva. [primitiva por ser anterior ao tempo do pleno florescimento da produção capitalista]. Tal acumulação é interpretada por:

- a) acumulação de valores de capital
- b) acumulação em virtude de posição peculiar de poucos

Títulos e bens existentes —————> meios de produção

É a propriedade de bens e uma transferência de propriedade e não a quantidade existente de instrumentos de produção intangíveis.

Fala-se aqui de uma REVOLUÇÃO SOCIAL.

Trata-se da concentração da posse da riqueza em mãos muito menos numerosas o que produz um novo questionamento:

Quais seriam as maneiras pelas quais uma classe pode aumentar sua posse de propriedade?

- a) compra de propriedades dos donos anteriores em troca dos meios de consumo imediato. [...] a classe nova esgotará suas reservas de dinheiro ou reduz seu consumo abaixo do nível de sua renda para formar sua propriedade de coisas duráveis – [formação de poupança]
- b) aquisição de propriedades em condições excepcionais [períodos de crise com preços insignificantes – revenda em períodos que o valor esteja alto] trocando com outras coisas – equipamentos industriais, força de trabalho.

Dois momentos distintos para este aumento de posses: primeiramente a **fase de aquisição**; posteriormente, **a fase de realização**.

Neste momento é necessário que haja redução do valor do bem adquirido pelo burguês na fase de aquisição e que haja aumento do seu valor relativo na fase de realização.

Voltamos aqui a uma questão importante apontada pelo autor. A desintegração entre o modo de produção feudal [que ocorreu lentamente durante um período em que o pequeno modo de produção, legado da sociedade feudal, fosse parcial ou totalmente rompido por novas influências burguesas – submetido ao capital.]

Outro questionamento:

Quais seriam as fases pelas quais passa este processo de acumulação?

a) A POLÍTICA DO ESTADO é modelada pelas influências burguesas favorecendo os interesses burgueses – aquisição de propriedades em termos favoráveis [hipoteca, dolo, dívidas privadas ou estatais, trapaças jurídicas, conspiração, emprego do favor e da influência política]

Vale ressaltar que a **expansão ultramarina** e o **comércio colonial** sofrem estes processos.

O SUPRIMENTO DE METAIS PRECIOSOS OCORRIDOS NESTE PERÍODO [SEC. XVI] E A INFLAÇÃO DE PREÇOS DELE RESULTANTE PROPORCIONARAM O AUMENTO DAS RENDAS BURGUESAS E FACILITARAM A AQUISIÇÃO DE TERRAS PARA MÃOS BURGUESAS.

b) A fase de realização – complementar à aquisição [os objetos de acumulação inicial eram realizados ou vendidos – pelo menos em parte – para tornar possível um investimento real na produção industrial. Esta é a transição final para o Investimento Industrial. Neste momento interessava à burguesia um suprimento elástico e barato das mercadorias nas quais estava agora investindo.

Este suprimento barato pressupunha incentivos positivos para investimentos na indústria. Como condições necessárias: reservas abundantes de mão-de-obra, fácil acesso aos suprimentos de matérias-primas, condições de produção de ferramentas e maquinaria. “Sem essas condições, o investimento industrial teria inevitavelmente sido frustrado e o progresso ulterior, detido por mais esplêndidas que se tivessem tornado anteriormente a riqueza e a posição social da burguesia” (DOBB, 1983, p.131)

Vale acrescentar que o autor observa que estas fases, principalmente no século XVII se superpuseram.

Isto remete à essência da acumulação primária – O enriquecimento por modos que acarretavam o desapossamento de pessoas diversas vezes mais numerosas do que as enriquecidas.

“Para o amadurecimento completo do capitalismo industrial, eram também essenciais certas condições novas. Nos séculos anteriores, o investimento na indústria evidentemente foi retardado não só pela deficiência da oferta de mão-de-obra, como pelo desenvolvimento deficiente tanto da técnica produtiva quanto dos mercados. Também foi retardado, pela sobrevivência do regime de regulamento da guilda urbana quanto da

hegemonia das grandes corporações comerciais. Em certa medida, uma transformação de todas essas condições dependeu de uma dissolução do modo de produção anterior, centralizado no pequeno produtor e no mercado local. Até que todas essas condições, em uníssono se modificassem, o solo no qual a indústria capitalista poderia crescer naturalmente, liberta de privilégios políticos e concessões de proteção, continuou limitado em extensão e diminuto em rendimento (DOBB,1983, 133)

Outro aspecto que merece destaque é o crescimento das instituições bancárias como instrumentos de promoção da acumulação burguesa, bem como o aumento dos empréstimos feitos pela Coroa Inglesa e a dívida estatal (TAWNEY, citado por DOBB, 1983, p.136)

Entre os séculos XV e XVII, o comércio exterior era monopolizado – as oportunidades de investimento nesta esfera era bastante limitada. A expansão dos mercados ultramarinos, especialmente os mercados coloniais, no século XVII, foi, em parte, propulsora da rentabilidade da manufatura inglesa.

A iniciativa industrial não estava com a alta burguesia – comércio exportador – mas com a média burguesia provinciana, mais humilde, em sua maior parte menos privilegiada e rica e com base mais ampla. De uma certa forma, com a evolução da indústria inglesa, gerou-se incompatibilidade entre os interesses dos monopólios e o comércio que se emancipava das restrições dos regulamentos. Mesmo assim, inúmeras controvérsias podem ser citadas em relação à manutenção dos privilégios monopolistas. Um aspecto importante descrito por Dobb (1983, P.140) alerta para as conseqüências históricas desse importante momento do processo de desenvolvimento do capitalismo:

“O lançamento de um país nos primeiros estágios da estrada que leva ao capitalismo não é garantia de que ele complete todo o trajeto”

Duas interrogações podem ser levantadas quando se analisa esse período:

- Que interpretações podemos elaborar diante da interrelação entre a burguesia ascendente, a indústria e o mercado de exportações?
- Ainda: é possível afirmar que o próprio crescimento do capitalismo serviu para desenvolver seu próprio mercado?

Tais questões proporcionam novas reflexões:

O mercado poderia desenvolver-se pelos lucros que gerava, pelo emprego que incentivava e pela tendência a destruir a auto-suficiência de unidades econômicas mais antigas, como a aldeia senhorial, trazendo assim uma parte maior da população e de suas necessidades à órbita da troca de mercadorias.

Nesse contexto é importante o surgimento da agricultura em moldes capitalistas na Inglaterra do século XVI.

Há que se ressaltar, também, que a criação de novos mercados, ou possibilidades de entrada nos mercados já existentes são aspectos primordiais para a evolução do capitalismo industrial. São esses elementos, combinados ao desapossamento dos meios de produção de grande parte dos artesãos, que irão proporcionar uma nova trajetória ao desenvolvimento do capitalismo.

5. A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O SÉCULO XIX

Fruto de um processo anterior – condições já previamente estabelecidas.

I Caracterização de um vasto “boom” secular (1775-1875)

II Caracterização das crises cíclicas do sistema capitalista

Aspectos importantes para a discussão:

- 1) *Fatores que determinaram a Revolução Industrial*
- 2) *A influência das modificações técnicas na estrutura socioeconômica*
- 3) *A grande depressão do século XIX*

Para o estabelecimento de análises relacionadas ao processo da Revolução Industrial é importante ressaltar sua complexidade. “O ritmo da modificação econômica, no que diz respeito à estrutura da indústria e das relações sociais, ao volume de produção e à extensão e variedade do comércio, mostrou-se inteiramente anormal, a julgar pelos padrões dos séculos anteriores: tão anormal a ponto de transformar radicalmente as idéias do homem sobre a sociedade de uma concepção mais ou menos estática de um mundo onde, de uma geração para outra, os homens estavam fadados a permanecer na posição que lhes fora conferida ao nascer, e onde o rompimento com a tradição era contrário à natureza, para uma concepção do progresso como lei da vida e do aperfeiçoamento constante como estado normal de qualquer sociedade sadia.” (DOBB, 1983, p.184). é a transformação e o movimento.

Que circunstâncias favoráveis podem ser encontradas no século XIX?

Uma era de transformação técnica que aumentava com rapidez a produtividade do trabalho e um aumento natural anormalmente rápido nas fileiras do proletariado, somados a

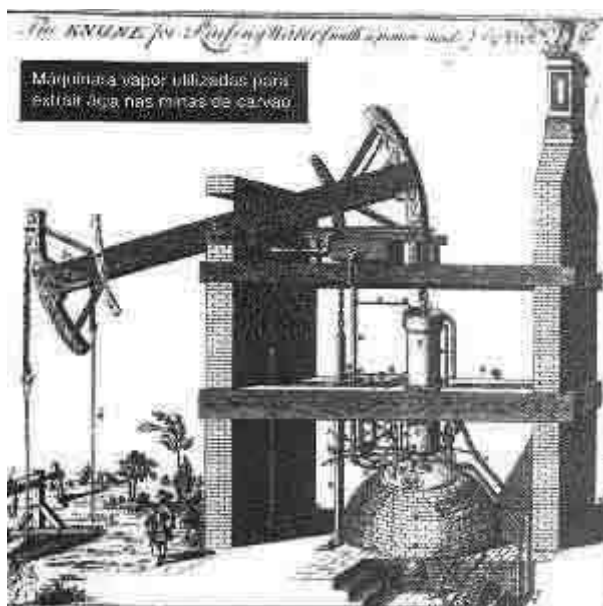
acontecimentos que ampliaram os investimentos e o mercado dos bens de consumo enormemente.

É a revisão do culto dogmático da tradição. Se antes havia a cabala, a astrologia, a magia, a alquimia, agora há a experiência que dá sentido científico ao estudo e às inquietações. A técnica em suas feições mecânicas passa a ser considerada. Surge a ciência moderna, antidogmática fundada no experimentalismo.

Essa mudança de mentalidade representa a transformação intelectual e cria o clima de crítica sistemática. Entre os muitos de seus efeitos assinala-se o interesse pela indústria para o qual a nova maneira de ver contribuiu decisivamente.

Entrelaçamento transformação técnica e produtividade do trabalho:

Pela transformação técnica é que se amplia a produtividade do trabalho; Naturalmente pode-se caracterizar a expansão dos mercados como consequência dessa articulação, somada à divisão social do trabalho. Nesse contexto, processos altamente subdivididos. A maquinaria produzindo a “igualdade do trabalho” – dispensa de aptidões especiais.



máquina a vapor utilizada para extrair água nas minas de carvão.

{máquinas com energia não humana e não animal – mecanismos e força motriz}

“As invenções industriais são produtos sociais”. (DOBB, 1987, p.270)

Capital e financiamento da produção:

Significativamente ampliados nesse período;

Distintas fases para a implantação do processo industrial – etapas principais, estrutura da produção.

Pelo capital modificam-se as relações entre instrumentos humanos e mecânicos; O autor ainda menciona que “as invenções que conduziram ao mundo moderno achavam-se não só intimamente ligadas entre si em seu progresso: estavam também entrelaçadas com o estado da indústria e dos recursos econômicos, com a natureza de seus problemas e o caráter de seu pessoal no período inicial do capitalismo em que nasceram.”(DOBB, 1987, p.272)

Origem do capital: casas mercadoras e centros mercantis; fusões entre pequenos e grandes capitais.

Características da indústria domiciliar e da manufatura simples:

O trabalho congregava-se num só lugar; processos paralelos e atomísticos de unidades individuais e não como atividades interdependentes que precisassem ser integradas num organismo para funcionar; pautadas em relações de dependência econômica entre produtores individuais ou entre o produtor e o mercador – [compra e venda do produto acabado ou semi-acabado, dívidas relativas ao fornecimento de matérias-primas ou ferramentas da profissão.

Sobreviveu nesses moldes até a segunda metade do séc.XIX quando o proletariado começou a adquirir um caráter homogêneo.

Ofício e localidade com diferenças da estrutura de classe;

Sobrevivência das tradições individualistas do artesão e mestre com ambição de tornar-se pequeno empreendedor limitou o fortalecimento dos sindicatos.

Estrutura da indústria e relações sociais de produção:

“...criara-se um papel para um tipo novo de capitalista, não mais apenas como usurário ou comerciante em sua loja ou armazém, mas como capitão de indústria, organizador e planejador das operações da unidade de produção, corporificação de uma disciplina autoritária sobre um exército de trabalhadores que, destituídos de sua cidadania econômica, tinham de ser coagidos ao cumprimento de seus deveres onerosos a serviço alheio pelo açoite alternado da fome e do supervisor do patrão.”



vista interna de fábrica empregando mulher e criança

Vale acrescentar que esse processo foi contínuo. “O progresso técnico passara a ser um elemento do mundo econômico aceito como normal, e não como algo excepcional e intermitente.”

Estrutura do capitalismo de corporação – (monopolista – semi-monopolista ou quase-monopolista)

Deriva essa nova estrutura da complexidade crescente do equipamento técnico. Sugere barreiras à entrada de novos produtores para a execução de processos em escalas diferenciadas daquela domiciliar.

O contexto da separação de classes: abismo econômico entre a classe patronal e a de empregados (o embate teórico entre Malthus e Ricardo)

Na visão clássica o que ocasionaria queda na taxa de Lucro?

Havia uma barreira para iniciar uma nova unidade de produção, ou seja, havia uma despesa inicial necessária à construção de uma nova unidade de produção imposta contra a passagem da última para a primeira classe (proletários e capitalistas). De acordo com DOBB (p.275):

“Não admira que os economistas da época encarassem a lentidão da acumulação de capital, e não qualquer limite a seu campo de investimento, como sendo a limitação essencial do progresso econômico, e postulassem que, dada uma oferta adequada de capital e um desenvolvimento suficiente dos diversos ramos da indústria, só a interferência dos governos no comércio ou a insuficiência da oferta de trabalho poderiam congelar o progresso e torná-lo estagnação econômica.”

Contraposição entre Ricardo e Malthus, onde o primeiro afirma que “a necessidade específica seria a de população.”

Por que?

“Porque essa necessidade jamais deixaria de ser satisfeita, ainda que o abastecimento de gêneros alimentícios fosse apenas o bastante para manter reduzida a taxa de mortalidade”. Como afirma o autor, “uma maior procura de trabalho não tinha qualquer dificuldade em

gerar sua própria oferta, desde que o comércio (inclusive a importação de gêneros alimentícios) fosse livre.

Portanto, para Ricardo: Necessidade de população. O que isso significa? “Que dada uma oferta adequada de capital e um desenvolvimento suficiente dos diversos ramos da indústria, só a interferência dos governos no comércio ou a insuficiência da oferta de trabalho poderiam congelar o progresso e torna-lo estagnação econômica. (DOBB, 1987, p.274)

Portanto, fazia-se necessária uma população proletarizada que desejasse empregar-se com os “novos capitães da indústria”

Para Malthus: “...uma rápida acumulação de capital causava uma queda no valor das mercadorias relativamente ao valor da força de trabalho e uma queda conseqüente dos lucros” (DOBB, 1987, p.274) Sugeria-se uma crise de superprodução.

Barateamento Universal das Mercadorias via Intensificação no campo do Investimento



carro a vapor

O barateamento das mercadorias é fruto do aperfeiçoamento técnico. Reduz-se os custos e conseqüentemente reduz-se o preço. Nesse sentido: “A modificação técnica produz um barateamento universal das mercadorias

Alargamento do Capital

Tendência da modificação técnica voltada para elevar a razão entre Trabalho Acumulado e Trabalho Vivo – Taxa de Mais Valia.

Pela caracterização da mais valia pode-se perceber a importância da técnica.
Intensificação no campo do Investimento como consequência do aperfeiçoamento técnico...
porém de forma decrescente...

Como interpretar esta tendência no séc. XIX em relação à existência de uma dada força de trabalho?

Ocorrem dois tipos de efeitos:

- a) efeitos de aperfeiçoamento técnico
- b) efeitos de simples acumulação de capital – seria neste contexto o chamado alargamento de capital denominado por Marx (vínculo com a acumulação de capital pura e simples)

DOBB (1987) ressalta ainda a questão da técnica como uma alternativa de investimento.
Dado uma determinada técnica que níveis ou taxas de lucro são possíveis de se obter?

O que vale dizer:

“o investimento de capital é sensível ao estado constante do conhecimento”

Caracterização da faixa de alternativa técnica para os empresários no ambiente da revolução industrial;

Consequências das transformações técnicas do Século XIX...

Questionamento:

Como pode a modificação técnica per se, se é que pode, ocasionar um aprofundamento do campo de investimento no sentido de proporcionar oportunidade de investimento de capital a uma taxa de lucro maior?

Cerne do problema do impulso do progresso capitalista...

MODIFICAÇÃO TÉCNICA



AUMENTO DA LUCRATIVIDADE
DO INVESTIMENTO

Conceito de aprofundamento de capital em Marx e suas correlações com a tendência declinante na taxa de lucro;

Como definir então o aprofundamento do capital?

“Busca por menos trabalho”

Por que ocorre a tendência decrescente da taxa de Lucro?

“O processo de investimento esgota gradualmente suas oportunidades, exceto na medida em que as possibilidades de intensificar o campo do investimento sejam proporcionadas ao capitalismo pelas criações autônomas do inventor – criações que devem ser aplicáveis à produção de coisas que entram no orçamento dos trabalhadores.

O que interessa neste processo de evolução?

A expansão do capitalismo será constantemente condicionada por um conflito e interação entre a expansão do capital e a busca de investimento de um lado e de outro, as condições de seu emprego rentável.

EfmK...

Esta eficiência marginal do capital vincula-se:

- a) ao caráter da modificação da técnica;
- b) aumento do exército industrial de reserva;
- c) suprimento dos recursos naturais (possibilidades de importação)

Correlação entre demanda e crescimento do equipamento produtivo

Qual é o papel do Mercado neste contexto?

Como vincular a lei de Say nesta discussão?

O que significa dizer que existe um hiato entre a demanda e o crescimento do equipamento produtivo?

Não existe apenas uma situação de pleno emprego, mas sim, momentos de subutilização da capacidade produtiva.

Exemplificação das características expansionistas do sistema produtivo durante a revolução industrial

Estradas de Ferro, oleodutos, infra-estrutura. (Dobb, p.315).

Crises do capitalismo no contexto da grande depressão – 1890...

A grande Depressão

Início: 1873

Surtos de recuperação: 1880 – 1888

Nova crise: 1890

“DIVISOR DE ÁGUAS ENTRE DOIS ESTÁGIOS DO CAPITALISMO”

um vigoroso e próspero, cheio de otimismo e aventureiro; outro, embaraçado, hesitante, senil e decadente. Segundo Engels, citado por DOBB (1987): “Colapso do monopólio industrial da Inglaterra. Concorrência desenfreada e redução dos preços.”

A depressão – crises de superprodução

Possíveis causas da Depressão:

- a) queda na $efmgK$;
- b) rapidez na acumulação do estoque de K em relação aos outros fatores;
- c) saturação parcial das oportunidades de investimento;

Portanto, o conflito está entre:

CRESCIMENTO DO PODER PRODUTIVO x LUCRATIVIDADE DOS NEGÓCIOS.

1ª. Evidência:

aumento dos salários reais; para os trabalhadores que mantiveram seus empregos.

2ª. Evidência:

queda nos preços por influências monetárias (oferta de ouro/queda nos custos que as modificações técnicas haviam causado)

aumento do estoque de K gera efeitos distintos:

1º. Financiamento da inovação técnica – aumenta razão entre trabalho acumulado e trabalho vivo; ganhos na produtividade do trabalho;

2ª. Multiplicação das fábricas e equipamentos de produção.

3ª. Evidência:

Mercado de investimentos no exterior. O contexto mundial modificava-se e por consequência: investimentos maiores no mercado nacional.

Nesta situação o que se verifica?

- a) efeito drástico da concorrência na redução dos preços e margens de lucro;

- b) tendência à centralização; surgem os cartéis; “um produto de todo o desenvolvimento moderno da indústria, com sua concorrência crescente, riscos de capital cada vez maiores e lucros declinantes; ex. acordos de preços.
- c) Elevados investimentos no exterior – conquista de novos mercados para exportação de capital e bens de capital.
- d) Imperialismo – acentuado investimento externo
- e) Aumento do equipamento produtivo.

Portanto, para a análise da Evolução do Capitalismo nesse período, o que poderíamos questionar?

- a) Quais seriam as possíveis causas da depressão?
- b) Quais são as visíveis conseqüências da depressão?
- c) Como surgem os cartéis – considerando aqui os elevados investimentos no Exterior?
- d) E o imperialismo? Como podemos caracterizá-lo?

Considerações Finais

A construção histórica do modo de produção capitalista conduziu ao aprofundamento de diversas crises. Entretanto, talvez a dificuldade de equilibrar o processo de acumulação de capital *versus* distribuição de renda seja um dos maiores desafios à nossa compreensão. Procurar refletir sobre esta questão é, sem dúvida proporcionar a ampliação das capacidades de escolha da sociedade.

Referências

- BEAUD, M. **História do Capitalismo de 1500 aos nossos dias**. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- CARBAUGH, R. **Economia Internacional**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHESNAIS, F. [org] **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, conseqüências**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CIPOLLA, C.M. **História Econômica da Europa pré-industrial**, Edições 70 : Lisboa.
- DREYFUSS, R. **A época das perplexidades**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- DOBB, M. **A Evolução do Capitalismo**. 9ª ed., Rio de Janeiro : Zahar Ed., 1983.
- FALCON, F.; MOURA, J. **Formação do mundo contemporâneo**. 20ª ed., São Paulo : Brasiliense,
- FERRER, F. **Reestruturação capitalista: caminhos e descaminhos da tecnologia da informação**. São Paulo: Moderna, 1998.
- FRANCO JUNIOR, H. **História econômica Geral**. São Paulo, Atlas, 1986.
- FURTADO, C. **O Capitalismo Global**. 5ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GONÇALVES, R. **O vagão descarrilhado**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. **O nó econômico**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. **Globalização e desnacionalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- HEERS, J. **O ocidente nos séculos XIV e XV: aspectos econômicos e sociais**. São Paulo : Ed. Pioneira, 1981.
- HOBSBAWN, E. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989.

- _____. **A era do capital**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- HUNT E.K. e SHERMAN, H. **História do Pensamento Econômico**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KEYNES, J.M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1992.
- LACERDA, A.C. **Globalização e Investimento estrangeiro no Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- LANDES, D. **Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até os dias de hoje**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LESOURD, J.A; GERARD, C. **História Económica nos séculos XIX e XX**, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1963, Vol. I e II.
- MAGALHÃES FILHO, F.B.B. **História Econômica**. 7ª ed., São Paulo : Sugestões Literárias, 1981.
- MAGNOLI, D. **O mundo contemporâneo: relações internacionais 1945-2000**. São Paulo: Moderna, 1996.
- MANTOUX, P. **A revolução industrial**. São Paulo : UNESP, 1987
- MAURO, P. **História econômica mundial, 1790-1970**. Rio de Janeiro : Zahar, 1976
- MENÉ, M.L. **A economia medieval**. Rio de Janeiro : Ed. Zahar, 1979
- PIRENE, H. **História econômica e social da Idade Média**. São Paulo : Ed. Mestre Jou, 1982.
- REZENDE FILHO, C.B. **História Econômica Geral**. São Paulo : Contexto, 1991.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ªed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SINGER,P. **O capitalismo. Sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: Moderna, 1987.
- TAVARES, M.C. e FIORI, J.L. **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1997, vários autores.

